O Gaiato

23 DE MARÇO DE 1968

ANO XXV — N.º 627 — Preço 1$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA — FUNDADOR: Padre Américo — VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS — COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Festas

Com o recado de que para o presente número do jornal me competia a mim esta rubrica, Júlio mandou uma carta que, à maneira de P. S., terminava assim:

«Estou sempre a contar os dias que faltam para a vossa vinda ao Teatro-Circo. Nunca lá vou, mas à vossa récita, se Deus quiser, não falto».

Ora esta legenda não é singular. Enquanto roda o tempo das Festas dão por aí muitas semelhantes. Logo no dia seguinte ao primeiro Coliseu, um cliente da Tipografia prevenia-se deste modo do desgosto acabado de sofrer:

«Para ver se tenho melhor sorte do que ontem, faço reserva já de um bilhete para a festa de 1969. Assim, peço, para satisfação de um sonho que acalento há anos, me reservem uma plateia na fila 1, N.º 1. Dada a vossa boa «desorganização» organizada, fico confiante me venha ter às mãos, a tempo e horas, o desejado bilhete».

Esta certeza de que o ano próximo terá a sua Festa; a ansiedade com que ela é esperada; o gosto saboroso que deixa; como a pena que fica a

Continua na QUARTA página

Rui e Zé Ferreira, dois vedetas do programa.

NUM QUADRO DA «REVISTA» EIS: MARIA («VILA REAL»), MANUEL («CHINÊS») E D. MAFALDA («TIRA OLHOS»).

Aqui, LISBOA

Ter nascido duma família sòlidamente estruturada e em que os pais exercem devidamente os seus deveres é uma graça que cada vez se vai tornando mais rara, para mal dos filhos e da sociedade. Um debruçar permanente sobre os assuntos familiares, ao nível de todas as classes sociais, auscultando pobres e ricos, cultos e menos favorecidos intelectualmente, dá-nos uma visão pouco optimista do futuro. Parece-nos haver uma demissão quase colectiva dos responsaveis pela educação dos jovens, um cruzar de braços ante as dificuldades e uma abdicação confrangedora dos valores essenciais, em que os maus exemplos proliferam com o seu deletério poder de corrupção.

Deus criou livre o homem e não deve este contrariar os planos divinos. Respeitar a personalidade de cada um não significa, porém, abandono. Ser livre não é equivalente a libertino e a liberdade está oposta a anarquia. Num lar onde os filhos fazem o que muito bem querem, sem normas ou limitações de qualquer espécie, não se podem educar capazmente os jovens. O amor supõe firmeza nas alturas próprias, como compreensão para as diversas atitudes e nas várias circunstâncias. «A bondade não é fraqueza e deve ser dotada de profunda energia», disse Paulo VI. Os pais que não têm a firmeza exigida e, por debilidade, comodidade ou demissão dos seus deveres, não ocupam os seus lugares de educadores, são os grandes responsáveis de tantos e tantos descalabros verificados a cada passo. Como temos dito em vários lugares e em circunstâncias dispares, gerar também os brutos geram, mas de educar só o homem é capaz; se o não realiza, o nivelamento faz-se por baixo.

Frequentemente somos procurados por pais aflitos, vindos até nós na esperança de encontrarem remédios eficazes para os problemas de seus descendentes. Para lá de particularismos materiais, há, regra geral, um ponto comum de afinidade: desunião dos progenitores, separação tácita ou real, discussões frequentes com o seu cortejo de irremediáveis maus exemplos. Os filhos nem alvo de preocupações são, por escassez de tempo dos pais, preocupados com os seus problemas e as suas divergências. A preparação para o matrimónio é patente em muitos casos e os jovens, solicitados a tomar partido ou simpatia entre os seus maiores, amimados ou lisonjeados nos seus caprichos, acabam por crescer à volta, sem conhecerem o que são disciplina, respeito ou exigências

Continua na TERCEIRA página

MALANJE

Natal!

No largo da capela, uma grande fogueira a dizer ao Menino Jesus da nossa gratidão.

A missa da meia noite foi por todos. E foram tantos os que se lembraram de nós!

Ele, foram embrulhos de roupa e sacos de arroz, bacalhau e vinhos, guloseimas, bolos e brinquedos; ele, foram envelopes discretos, donde tirámos trinta mil escudos; ele foi a presença do Snr. Bispo, que ceou connosco, no meio das criancinhas sem família, como no tempo das catacumbas!

Por vezes fico triste, a pensar que nem sempre correspondemos. Mas somos nós, por vezes caídos, que mais precisamos do vosso carinho.

x x x

Saltei com timidez os alicerces da igreja de S. Ana e bati à porta do P. Afonso.

«Entre. Não tenha medo. Peça para os seus rapazes. Não será o produto dos ofertórios deste domingo que me irá fazer falta para a construção da nossa igreja».

O mesmo carinho e calor nos fiéis. Até o gesto da toalha estendida à porta da igreja para simbolizar a capa negra de Pai Américo!

A nova igreja de S. Ana vai surgir mais bela e plena de sen-

Continua na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

Chegou-nos mais um Rapaz. É o Armando. Ao nascer ficou no Hospital e só de lá saíu quando teve pernas para fugir. Ia então nos cinco anos. Há tempos foi atropelado e regressou. A Assistente social procurou localizar a família em todos os lugares que indicava e não apareceu rasto de ninguém. Entretanto voltou a fugir. Vivia de expedientes na rua e de algum recado que lhe confiavam. Parece que há muitos em idênticas circunstâncias. Voltou novamente ao Hospital com traumatismo craneano e uma vez são é a Assistente social que nos procura e aqui o deixou.

Se bem que menos desenvolvido, apesar da mesma idade que o nosso João Camisa, já deu provas de boa adaptação e todas as manhãs vão os dois à Escola da Missão aprender as primeiras letras. Vai ser uma aprendizagem muita lenta e menos proveitosa enquanto não tivermos dentro de portas o nosso

Cont. na 3.ª pagina

Vim aqui sentar-me, num banco de pedra, ao sol mortiço do inverno, coado pelos ramos nus das carvalhas, para rever mentalmente os doentes que aqui tenho, desde aquela pequenita de cor, cega e anormal, até ao senhor Torres que definha lentamente num aido sujo bem perto de nós.

Preciso de os rever na infelicidade em que caíram, e na miséria onde viviam para não deixar de os amar, mesmo quando o cansaço duma família tão numerosa como esta nos deita por vezes abaixo.

Alguns têm-me falado da sua casa. Sonham com aquilo que não existe. Não são as paredes, nem o parentesco de sangue que constróiem uma casa. É o amor e só ele, que a ergue. **Mas a gente aqui está bem.** E o sonho desfaz-se. E a gente ganha alento para os ajudar mais no seu viver penoso. Gosto tanto. Preciso tanto de os rever mentalmente para não deixar de os amar.

E tu também gostas de os ajudar que os números dizem da tua vontade pronta em aparecer.

x x x

«Humildemente» estes 50$. Uma parte do aumento de ordenado. Migalha de 20$. Viúva de José Francisco com 2.000$. Mais 150$. Ass. da casa dos 100 com 5.000$ por alma de sua mãe.

S. J. com 500$. Lina M. com outro tanto. E com a mesma soma Emília de Lisboa. Pedro com 1.300$ de promessa. Oporto ladies Guild com 1.000$. Doente com roupa. M. Duarte com mais 500$.

Farmácio Moutinho com 100$. Eugénia com metade. Professora primária com 500$. Alentejana com outro tanto. Zé Ninguém no aniversário do casamento com 1.000$ «fruto de muita renúncia». Maria Elvira com roupa de linho para a capela. Visitantes com 100$ e com 500$. Manuela Pinto com outros 500$ e um grande sentir os problemas dos Pobres. Maria do Porto com 200$. Por alma de Maria Cândida 1.000$, e um «ela que tanto amou a vossa Obra». Vale de 365$ — «economizados por meu marido durante o ano». Helena com 150$. Alguém com 2.500$. Quem é este Sr.? Mulher sem importância com 250$. J, Sampaio de Lisboa com 100$. M. Castro com 50$. professora de Gondomar com 300$ e ricos drops, nesta sua presença anual. Uma nota nova de 1.000$. Maria Elvira costuma proceder assim com as 1.ª novas que lhe caiem na mão. Mais 150$ de sua irmã. Professor com 1.000$. Amigos de Newark 4 dollars. Praxedas com 1.500$00. Engenheiro amigo com 500$. Alguém com 50$. Serafim com o dobro. Emília de Lisboa com 1.000$ no começo de todos os anos. M. Eugénia com 200$. Júlia com metade. Devotado com outro tanto. O Governo Civil do Porto veio também com 25.000$. Bem hajam.

Ele há mais. São presenças de longe. De Newark mais 5 dollars. São presenças de perto. De Braga, 40$. De Rebordões 100$. De S. Mamede de Infesta 50$. De Lamego 500$. De Corgas 100$. De Lisboa - 2 mais 50$. De Chaves 60$. Da Soc. de Cristais 100$. De Braga outra vez mais 40$ e agora promessa de 500$. No Epelho da Moda 1.000$ mais 1.000$ mais 100$ e mais 300$ e mais. Em Aveiro pelo Natal mimos na Pensão Imperial, onde somos sempre tão bem acolhidos mais os nossos vendedores. E foi uma fartura de bacalhau, de queijos, de ovos e 50$ dum rapaz de dezasseis anos, 500$ dum amigo e mais 550$ de outra pessoa amiga. E no caminho mais 1.000$. Tenho razões para gostar desta cidade. Da Feira 50$. No Lar outros 1.000$ e mais 100$ e mais cartas. De São João 20$, e mais 22$50. De Castelo Branco 50$.

Padre Baptista

Auto-Construção

Primeiro nós recebemos. Antes de tudo fomos beneficiados gratuitamente. Sem nada fazermos, recebemos favores de Deus, benefícios dos pais, dos parentes, dos amigos. Quantas coisas cada um de nós recebeu gratuitamente! É um pensamento muito verdadeiro e muito útil este e poderia ser fonte de humildade para quem quer que seja. A consideração atenta da vida leva-nos a reconhecer que, quando não éramos ou não podíamos, fomos objecto de solicitude, de trabalho, de sacrifício, de amor. Em nossa vez poderia ter aparecido outro. Quem sabe mesmo, se outro mais fiel, mais cumpridor. Mas não. A Providência dispôs que fôssemos nós, que fosse eu, que fosses tu. Depois de Deus, os nossos pais. **A ninguém pertencemos tanto, porque a ninguém tanto devemos.** Durante alguns meses, alguns anos, não demos coisa alguma. Apenas recebemos. E a mãe sofreu e o pai sofreu também. Assim recebemos esta vida terrena. Nossa mãe ficou doente, outros nos assistiram, outros foram nossos benfeitores. Recebemos cuidados de variadíssima ordem; demos trabalho e canseiras, velaram por nossa causa trabalharam mais por amor de nós. Foram outros, foram os pais, os parentes, os amigos, os visinhos. Depois recebemos também gratuitamente a Graça, a vida espiritual: fomos baptizados. Também recebemos gratuitamente essa vida espiritual, a filiação divina, a presença da Trindade Santa.

Recebemos, a seguir a educação, a instrução e ainda recebemos o pão muito antes de o cultivarmos, de o ganharmos. O orgulhoso é um inconsciente e quem não se preocupa com ou outros é um ingrato. Assim a vida, depois de consistir em receber, tem de ser também uma dádiva. Jamais deixaremos de receber, seja em criança, seja na juventude, seja na idade adulta, seja na velhice. Nem passa um dia nem passa uma hora em que não recebamos inúmeras graças. Mas ao lado do receber deve aparecer sempre o dar. Só assim haverá justiça na nossa vida. Todos os homens humildes foram grandes realizadores, grandes beneméritos. Porquê? Tendo uma consciência bem esclarecida pela meditação, pelo silêncio do que receberam, sentiam-se ou sentem-se obrigados a restituir. Não lhes fica bem receber e não dar. Coravam de vergonha se não dessem, se não restituissem, na medida das suas possibilidades. E por isso trabalharam, lutaram, sofreram, foram heróis, foram santos. Para serem levados à acção basta-lhes ver uma criancinha, ou um doente, ou um velho. Um homem consciente recebe sem humilhação, mas coraria de vergonha, se não desse. Não querer receber seria orgulhoso; não querer dar seria roubo. **Receber** e **dar** é a verdadeira vida. É assim, tem de ser assim e só poderá ser assim Auto-Construção.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Filhos ilegítimos?

Dos jornais:

«FUERTH (Alemanha Ocidental), 22 — (R.) — Os pais de filhos ilegítimos da República Alemã agruparam-se para se protegerem contra terem de pagar demasiado pela educação dos rebentos.

Wolfgang Rittig, presidente da Sociedade de Pagadores da Manutenção de Filhos Ilegítimos na Alemanha Ocidental, afirmou a noite passada que os pais não tentavam eximir-se às suas responsabilidades. «Contudo, não deve haver disparidade na divisão de contribuições entre homens e mulheres».

Uma lei governamental para aumentar os direitos dos filhos ilegítimos, apresentada, a semana passada, no Parlamento, obrigaria o pai a pagar de acordo com as suas posses. Presentemente, esse pagamento é avaliado de acordo com os meios da mãe.

Rittig disse ainda que o aumento das contribuições afectaria a família de um homem casado, acrescentando: «Quanto mais receber o filho ilegítimo, menos haverá para o filho e mulher legítimos».

Existem, segundo se calcula, 900.000 filhos ilegítimos na Alemanha Ocidental e a lei obriga os pais a pagarem a sua educação universitária, assim como poria termo à actual cláusura legal de que um filho ilegítimo e o pai não são parentes».

A notícia é expressiva. Por ela ficamos a saber que:

1.° — Os direitos dos filhos ilegítimos são tomados muito a sério na Alemanha Federal. Tanto, que os pais ilegítimos sentiram a necessidade de «se agrupar para se protegerem...»;

2.° — a imposição feita aos pais pela lei alemã, na preocupação da completa eficiência da justiça, não se cinge à sustentação, mas também à educação e a nível universitário, se pais e filhos puderem e estes quiserem, certamente...;

3.° — não falta consciência cívica aos pais ilegítimos: estes «não tentam eximir-se às suas responsabilidades»;

4.° — se não ignora nem silencia que na ilegitimidade dos filhos há dois responsáveis: pai e mãe. Por isso, «não deve haver disparidade na divisão de contribuições entre homens e mulheres;

5.° — em defesa dos filhos já haveria uma lei regulando em concreto as prestações dos pais, a qual, pelos vistos, foi achada insuficiente, dando lugar à apresentação da nova lei;

6.° — há na Alemanha Ocidental 900.000 filhos ilegítimos;

7.° — a lei é perfectível. Assim, a nova «poria termo à actual cláusula legal de que um filho ilegítimo e o pai não são parentes»;

Uma coisa é a Justiça; outra a justiça legal. Esta deve tender incessantemente para Aquela — tarefa nada fácil para os homens que fazem leis. Porém, disporem-se estes a aceitar a imperfeição das suas leis e darem-se ao seu aperfeiçoamento — é já meio caminho andado.

A primeira razão da alegria que esta notícia me traz lá da Alemanha é esta mesma. Segunda, a fortaleza da lei. Terceira, um saudável sentido de justiça: pais que não tentam eximir-se; mães que não são desresponsabilizadas da sua parte de culpa e da posição dos meios ao seu alcance para remediar. E sempre, a vontade decidida, que se percebe de que aqueles 900.000 alemães, nascidos na ilegitimidade, não se façam adultos em condições de inferioridade.

Repare-se que não está em causa aqui o anonimato dos progenitores. Os pais reconhecem os filhos gerados na ilegitimidade e não querem ser dispensados dos seus deveres. Por isso a nova lei reconhece o parentesco, que não é, na verdade, simples figura jurídica, mas vínculo firmado na carne e no sangue.

Quantos filhos ilegítimos haverá entre nós? Destes, quantos de pai incógnito? E quem se doi por uns e outros? Quem os defende com armas que busquem a sua força na autoridade da Verdade?

Quem me dera conhecer mais a fundo o que esta notícia dos jornais nos revela de modo tão passageiro! Talvez, por contraste, houvéssemos de encontrar a fórmula do agrupamento dos filhos ilegítimos para se protegerem nos seus direitos fundamentais ao pão e educação. E, certamente, poderíamos ouvir ao presidente da Sociedade de Crédores dos Pais Ilegítimos as razões que a organização permitiria sistematizar.

TRIBUNA de Coimbra

A quadra do Natal é sempre a de mais presenças. São os que o fazem por espírito cristão e são também os outros que ainda não perderam a sensibilidade e amor humanos. Na grande maioria há um movimento de interesse pelos outros. Como seria feliz a humanidade se acreditasse e acreditasse a presença viva de Cristo, presença viva e permanente!

Começamos hoje pelo Sul a marcar as presenças: Quinhentos num baptizado em Santo Aleixo da Restauração. Que grandeza de alma a daquele jovem médico que, inteligente e trabalhador., se tem dedicado à gente da sua terra, apesar dos convites rendosos que de fora lhe têm feito! São muito de louvar estas atitudes, numa época em que o homem se deixou arrastar pelo deus dinheiro e pelas boas posições!

Cem de Odemira para as boroas de Natal; cinquenta de Gavião, mimos de Vila de Rei; quinhentos de promessa, ao vendedor de Castelo Branco; cem da mesma terra, embrulhos da mesma; quinhentos da Covilhã para a barraca de caixotes. Agora vai aparecer Lisboa: Mil mais mil para Manuel e minhas aflições; cem da Sociedade Nacional de Sabões; quinhentos em vale da Av. Berna; quinhentos do Grémio dos Industriais de Arroz; duzentos da Farmácia Normal; cem para o pobre anormal dos lados de Mira; cinquenta de **uma alma que sente a dor dos que sofrem.** Que boa esta marca de almas! Quarenta, fruto do trabalho de uma senhora de 72 anos. Quem diria que em Lisboa ainda há gente deste sangue? Quinhentos em cheque de Senhora a que Deus deu a atenção pelos outros.

Cinquenta, mais cinquenta, mais cem do Entroncamento; vinte e mimos de Tomar; cem à porta da Igreja de Rio de Carros; cinquenta de Mira d'Aire; 120 da Batalha; cem, roupas e muitos mimos de Leiria; oitocentos e tal numa reunião em Soure. Foi um homem que se sentiu tocado e deu a volta à mesa e veio entregar com lágrimas nos olhos; cinquenta da Figueira e cem nos 30 anos dum nosso; cinquenta e muitos sacos de laranjas da minha aldeia; cem de Leitões; cem de Taveiro; dois mil, mais quinhentos, mais sapatos e botas de visinhos nossos de Miranda do Corvo.

Agora vão aparecer os visitantes de Coimbra e arredores: 220, mais 30, mais 20, mais 100, mais 120, mais 400, mais 600, mais 200, mais 50, mais 20, + 500 e bolos rei e rebuçados e a presença de todos os anos mais a visita com os filhinhos e 50 mais a presença de todos os dias de Natal e roupas, mais 50 e gabardines, + 100 e roupas, mais 100, mais 900, para o Calvário, mais roupas, mais camisolas feitas por Senhora que não perde um momento, mais 150.

Por fim chega Coimbra pelo correio, pelos recados, pelas ruas, pelas casas, pelas igrejas: cem de 9 irmãos para o nosso novo lar; o anteprojecto para a construção do nosso lar tem-me trazido no ar como um sino. Eu tenho muito que te contar. Vai-te dispondo a ouvir-me e a aceitar-me; 120 de quem dá sempre; quinhentos da madrinha do baptizado; quarenta achados na rua; cinquenta à porta de Santa Cruz; quinhentos da Maria Manuela **com fé em Deus;** 250 e assistência anual na estação de serviço da Auto-Industrial; os mimos da Triunfo; 75 dos funcionários do Centro de Comandos dos C. T. T.

Cinquenta de Sacerdote; o mesmo na minha mão; mais 20, mais 20, mais 20, mais 20 do mesmo modo; vinte à porta do seu estabelecimento; vinte para bolos do seu vendedor; cinquenta no Castelo; 400 das amiguitas que não cansam; lembrança de Cunha Pinto; a encomenda de sempre da fábrica de Curtumes; brinquedos e mais do Bazar do Porto; camisas em loja amiga da Praça Velha; peça de flanela em armazém; cem para o açúcar no Castelo; duzentos e casal francês sempre muito amigo; saco de figos de armazém; dois sacos de figos do Senhor de todos os anos; quinhentos e roupas e cinquenta para o Calvário das «4 irmãs»; duzentos do Grémio de Panificação; cem por alma do marido; cinquenta num envelope.

Duzentos e embrulhos de quem aparece sempre; 250 e os cumprimentos de todas as datas festivas; cem de armazém «Lousada»; cem em carta; 450 em vale da R.. Machado de Castro; 600 do Salão Azul; vinte em carta; mil do seu «magro vencimento», sendo metade pelo juro do atraso; quinhentos na minha mão, de Senhora que se preocupa com os Irmãos pobres; 20 mais 160, mais 250, mais 20 numa reunião; cem do Juíz sempre pronto; cinquenta todos os meses e muito carinho aos vendedores; camisolas no Castelo, fruto de muitas horas e muito amor.

E mais muitos louvores a Deus.

Padre Horácio

Lourenço Marques

Continuação da PRIMEIRA pág.

Posto Escolar. O regresso à fala indígena e ao contacto com os da sua cor sobretudo nesta zona onde predominam factores de desagregação, decalcados na miséria da cidade, não é nada benéfico. Muitos nos têm dito que estes nossos irmãos de cor se insensibilizam à educação recebida quando regressam ao ambiente de origem, tornando-se por vezes maus elementos sociais por inquietação e revolta. Que andaríamos por isso melhor se estabelecêssemos permuta com os da Metrópole. Parece-me todavia que seria desenraizá-los do seu meio e falsear muito mais a sua educação. Houve até um senhor bem intencionado e amigo que quis oferecer avultada quantia, para trazermos uma dezena de rapazes da Metrópole para aqui serem educados e aqui ganhassem raizes, contribuindo assim para o incremento dos homens válidos que aqui se fixam e engrandecem estas terras ultramarinas e uma contrapartida àqueles muitos que aqui vêm com o tradicional conceito de enriquecer e voltar à sua terra a gozar os rendimentos no resto da vida, ou, menos que isso, aqui vêm simplesmente fazer os seus períodos de trabalho sem outro ideal que amealhar para levar.

Firmes no propósito de nos darmos aos de cá, não aceitámos por nos parecer desonesto preterir os daqui, correndo embora mais riscos na nossa missão. A doutrina de Pai Américo é esta: «Que fazer aos mais difíceis, aos mais repelentes ,aos mais viciosos? — Amá-los, amá-los mais, amá-los até ao fim. Basta-lhes a desgraça de o serem. Assim amou o Mestre, assim ensina o Evangelho».

E assim queremos fazer com a certeza de que estamos no bom caminho.

Padre José Maria

Visado pela
Comissão de Censura

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

normais. Se é possível o dinheiro corre a rodos, gerando um clima fictício de facilidades irrexistentes. Nós, que desconhecemos panaceias universais nem possuímos receitas milagrosas, lembramos quase sempre, com Pai Américo, que «o regresso a Nazaré é progresso social cristão» e que, sem percorrer esse caminho, nada feito. Sucede, todavia, que a maioria dos casos postos se situa num plano de irreversibilidade, tal o adiantado do mal.

Temos debatido nestas colunas de uma forma mais ou menos vigorosa o efeito devastador da literatura imoral na formação da juventude. A Igreja, pelas vozes do Papa e dos Bispos, tem marcado repetida e persistentemente a sua posição. Cá em Casa, na medida em que podemos, vamos velando, apesar das traiçõezinhas que nos vão armando. Serão muitos os educadores que se preocupam com este problema? Se não, porque se queixam depois? As imagens provocantes, as descrições libidinosas, as histórias do crime, da pornografia e do vício são lugar comum, não só em livros como nos cartazes, calendários, cinema e ilustrações. Não haverá quem providencie com firmeza? A corrupção de costumes só pode levar à intranquilidade e ao mau estar. A verdadeira paz merece-se, conquista-se e compete às autoridades velar pela sua preservação. Não podemos ser cúmplices com o contínuo desagregar dos valores e daqui chamarmos mais uma vez a atenção para os Homens investidos em autoridade. Há omissões que se pagam caras e os distraídos estão na base de muitos males.

O trabalho é alicerce seguro de uma boa educação. A grande dificuldade para muita gente resulta essencialmente de não ter nada que fazer. É fácil constatar o facto. Os excêntricos que abundam para aí, aquelas que se encostam às paredes a ver quem passa ou gastam o tempo a andar de um lado para o outro provocando o próximo, ou se instalam à mesa de um café horas e horas intermináveis, não têm ocupação. Vivem e comem do que lhes dão ou arranjam aqui e além, talvez menos licitamente. Até sob o ponto de vista económico são um peso. Inculcar nos jovens hábitos de trabalho, segundo a idade e as circunstâncias, escolhendo o que mais lhes convém, é um imperioso dever de quem educa. Formar mandriões e devassos é fácil se não se observam estes princípios.

A escolha dos divertimentos é um dos aspectos que mais deveria preocupar os educadores. A idade, o temperamento e a saúde do jovem devem ser elementos a tomar em conta. Pouca gente, entretanto, se debruça sobre este pormenor da educação. Os bifes não se servem às crianças recém-nascidas; tudo tem a sua época própria. Quem serve comida deteriorada ou se desinteresse que ela seja ou não posta na mesa é criminoso; o mesmo se diz da natureza e da escolha dos passatempos. Não atentar neste sector da educação será grave omissão.

Consideramos indispensável olhar aos companheiros dos jovens que estão a nosso cargo. As amizades construídas na juventude são indispensáveis e, quando salutares, são insubstituíveis. Há aqui um papel inerente a cada indivíduo que não pode trespassar-se a outrém. Os laços do sangue estão-nos impressos pela própria geração; os elos contraídos no exterior são como que uma criação de nós mesmos. Desprezar, entretanto, quem são e o que fazem companheiros dos jovens, é deficiência grave em qualquer progresso educativo. Um companheirismo equlibrado, que não substitui o anterior, por parte dos pais e educadores, é quanto nós uma arma poderosa da pedagogia. Quantos pais, no entanto, saiem simplesmente com eles? Não é verdade que, em muitos casos, se passam dias e dias, em que não há uma simples troca de palavras, mas há tempo para os chás, os jogos e os passeios singulares, quando não há lugar para outras coias piores?

Educar é difícil, sem dúvida, mas sem educação não será viável uma juventude sã e autêntica. As dificuldades dos meios estão em correlação com a nobreza do fim: formar Homens dignos e capazes do dia de amanhã, para uma sociedade cada vez mais bela e feliz. Do que cada um de nós fizer ou deixar de fazer seremos responsáveis.

x x x

As oficinas começam a tomar forma. De simples esperança, a pouco e pouco, vão-se tomando feliz realidade. A Riqueza que o mundo nos confiou bem precisa de condições materiais para desabrochar e se desenvolver. Venham, pois, tijolos, telhas, cimento e ferro, ou, o que é o mesmo, aquilo com que as coisas se adquirem. Bem hajam.

Padre Luís

Festas

Cont. da PRIMEIRA página

quem não pôde assistir — faz-nos bem, reforça a nossa confiança, estrutura a convicção de que Deus a quer, não apenas pelo bem que nos traz, como pelo bem que por nosso intermédio dispensa.

Neste ponto eu queria que os meus Rapazes se fixassem, que atendessem à importância das nossas Festas, ao carácter sério que anima, de dentro, toda a acção jocosa com que pretendem divertir os nossos espectadores. É uma Obra em pé e em marcha, certa do seu rumo, firme no seu caminho, prenhe de ideal, que há 28 anos avança, demonstrando que não é em vão que o homem sonha quando assenta os pés na Pedra Angular que é Cristo Jesus e levanta o coração ao alto, para o Senhor. A Fé de Pai Américo em Deus e por Ele na boa-vontade dos homens, nunca ficou sem resposta. Vinte e um anos de Festa o confirmam. São as salas pejadas de gente e de entusiasmo; e estes desabafos de alma de quem não sofre de boa-mente perder a oportunidade de um tal encontro.

Por isso eu creio na Festa e tanto lhe quero. Por isso, ano após ano, os encarregados dela vão passando e a Festa permanece um encontro progressivo que não é função da qualidade do espectáculo tanto como do amor que vai crescendo e se vai purificando ao longo do tempo. Por isso, eu não posso já aceitar sem certo escrúpulo o tremor de alma que se apodera de mim na estreia de cada «director artístico». É uma falta de simplicidade; é uma fragilidade da minha fé no amor que o Povo nos tem e que, apesar das nossas limitações, nos esforçamos por merecer e creio que vamos merecendo. Este ano foi o que foi. Os anos próximos será o que deve ser. E não é de Pedro nem de Paulo que o êxito depende; é da nossa fidelidade à vocação de amor que Deus nos deu, de amor em doutrina e em obras que nos vão consumindo como candeia que se consome, alumiando.

Mas há outra razão para crer na Festa e tanto lhe querer. É a oportunidade da personalização dos seus mais responsáveis. Para alguns tem sido a cura final de males antigos que de longe mirraram as suas boas qualidades e o seu pouco rendimento. E até entre a massa dos que colaboram, a Festa propicia revelações. Foi na amarga gestação da primeira Festa em Viseu que reparei pela primeira vez no jeito de comungar aflições de um que depois me tem sido tão precioso cireneu. E ainda agora, nesta Festa, eu vi um pequenito dos seus 12 ou 13 anos que só conhecia pela sua vivacidade, mesmo irrequietude, e que encontrei tão senhor do seu papel nos bastidores, levando e trazendo pertences ao desenrolar de cada cena e arrumando tudo como lhe fôra confiado.

Esta é a Festa vista por dentro, a alma das nossas Festas, a qual, sem se mostrar aos olhos superficiais, é, apesar disso, a razão autêntica do amor que lhe tenho e todos lhe temos.

P. S. — Contamos ir à Figueira da Foz, Covilhã, Castelo Branco e Lousã.

EM MARÇO

DIA 26
às 21,30 h.
Teatro Ribeiro Conceição
Lamego

*

DIA 28
às 21,30 h.
Teatro Circo — Braga

*

DIA 29
às 21,30 h.
Teatro Lúcio da Silva
Leiria

*

DIA 29
às 21,30 h.
Cine Teatro de Monção

*

DIA 30
às 21,30 h.
Teatro Garret — Póvoa de Varzim

*

EM ABRIL

DIA 1
às 21,30 h.
Teatro S. Pedro — Espinho

*

DIA 16
às 21,30 h.
Cine Teatro de Ovar

DIA 19
às 21,30 h.
Teatro Aveirense
Aveiro

*

DIA 22
às 21,30 h.
Cine Teatro de Tomar

Os bilhetes para as Festas são postos à venda nas bilheteiras de cada uma das salas indicadas.

*

DIA 24
às 21,30 h.
Luísa Tody — Setúbal

Bilhetes: à venda: Lar do Gaiato, Av. Luísa Tody, 38, Telef. 24620; e nas bilheteiras do Cine Teatro.

*

DIA 25
às 18,30 h.
Monumental — Lisboa

Bilhetes à venda: Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13, Telef. 861939; Montepio Geral, Rua do Ouro, 241, Telef. 361555; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, Telef. 361406; Casa do Gaiato — Tojal — Loures, Telef. 2539019 (15 dias antes do espectáculo); Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c Dto., Telef. 666333.

*

DIA 28
às 18,30 h.
COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA **T. A. P.**
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

tido porque nasce duma fonte cheia de vitalidade — que é a comunidade viva. Assim é começar pelo princípio.

Que o Senhor multiplique até aos milhões os seis mil que me destes para o telhado da nossa nova casa.

x x x

A nossa casa foi mãe:

Vieram de Calulo o Artur e o Elídio. Ficaram muito admirados quando viram que era preciso trabalhar e obedecer a um rapaz mais velho. Veio o Sabu (mascote duma companhia) que não teve a ideia de o pôr na escola. Veio o Eugénio da carreira do tiro. Tem a avó a morrer e sem mais ninguém. Veio o Fernando — também da carreira de tiro. Regressou o António Angolano, que tinha fugido. Diz ele que a lição lhe aproveitou e que está disposto a ser um Homem. Aqui têm.

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Porque não agora um «Vistas de Dentro»? Os rapazes, em especial, andam tantas vezes alheados do sentido belo e do rico contexto da nossa Obra. E porque tantas vezes, não apreendem estas súmulas, há rebeldia, ânsia de conhecer novos horizontes onde a sua vida possa palpitar melhor. O ambiente é, em sequência, mau. Péssimo. É para «fazer ferida» que este artigo surge. É para derramar o sangue de feridas profundas que parecem cicatrizadas.

Temos rapazes a apreender o verdadeiro objectivo desta pequenina chama: é o que há de mais prometedor. Certamente a Obra lhes agradecerá porque passam assim a viver um pouco duma pequena parcela da sua vida.

Há problemas vindos da todos os lados e tantas vezes custa omiti-los para não afligir quem precisa de palavras de incitamento e de coragem. Mais apetecia, certamente, descobri-los à luz e procurar projectar quando há bem no íntimo daqueles que os procuram as mais das vezes por culpa, se bem que indirectamente, de outrém.

Foi no sábado que, pensando nestes assuntos, eu senti que devia «lançar um grito» nestas colunas para que os que dormem despertem. É tempo.

— No meu rodopiar matinal pelas lidas mais diversas da nossa Casa, cheguei à cozinha: eram o Marcelino e o Aquiles os «cozinheiros da nova vaga». Inclinei-me sobre os panelões e se fumegavam!... Por um pouco entrava em ebulição!

Era um cheiro a refugado, sintoma de que a ementa seria daquelas de se lhe tirar o chapéu.

Um pouco mais ao canto ensaboando o chão, o Caparica e o Carequita fitavam-nos como que por curiosidade. Findado o almoço seria a vez do Pechuta (oh, perdão, o snr. Pechuta...) «Agarra-se» aos panelões a escová-los a palha-de-aço e esfregão de arame aliados a um pouco de detergente «limpa tudo». Na salinha das senhoras era uma azáfama infernal. (Abreu e Velha, calculem, que rico pár!) Parecia um concerto e então quando alguma das senhoras menos sensíveis ao barulho se irrita, oh que concerto que para aí vai. Até mete colher de pau...

Mais tarde subi ao escritório e pesquisei no arquivo a história destes rapazes. Que diferente, meu Deus! Que diferente história deles a minha e a tua. Alguns destes rapazes eram há pouco tempo simples farrapos da rua atirados para as bermas de estradas da desgraça. Outros, o seu passado vem bem mais longe. Esses terríveis tempos desfiguraram tantos e tantos são também os que não acatam conselhos de amigos, de alguém que lhes quer bem, que quer que se elevem. Como o passado marca tanto e tão profundamente um indivíduo!

É impossível viver alheado do passado, como tantos teóricos que tendem querer afirmá-lo. Ontem miséria e conspurcação, hoje marcos que caminham, mais ou menos ràpidamente, para serem úteis à sociedade, àquela sociedade que um dia muito distante os regeitou.

Quão grande é a Obra do Senhor, a «Caridade de Deus», e quão maravilhosa é a Obra que visa a demolir a miséria humana e a formar indivíduos «homens», verdadeiros homens.

Desci e fui dar de frente com a salinha da televisão. Há bem pouco tempo limpa, recheada e ornamentada, o seu aspecto era desolador. E relembrei aquele dia em que um dos rapazes vindo há pouco do Ultramar observava e exclamava como que extasiado: «Ena pá, não sabia que cá em casa tinhamos uma salinha nova tão bem mobilada e tão bonita». Dissera-lhe o quê da questão.

Um senhor Arquitecto de Lisboa, muito nosso amigo viera pôr à nossa disposição com um mobilado que mais parece o dum bar moderno: mesinhas, cadeiras, prateleiras onde existe um amontoado de livros com que os rapazes se entretêm a ler nas horas de ócio.

Com que amargura eu recordo aquele dia sempre que olho esta sala. Fazem-me soar ainda aos ouvidos aquelas palavras bem meditativas do Snr. P.e Acílio: «Se os rapazes soubessem ao menos aproveitar os dons que temos, a nossa vida não andaria tão mal, financeira e moralmente, como muitas vezes anda».

Infelizmente é bem verdade o conteúdo desta afirmação. E basta, para o concluirmos, observar, além desta sala, o salão onde a maior parte dos jogos estão «fora de jogo». É o Ping-Pong. É o Bilhar...

É tempo de invertermos as proposições, de mudarmos de ideias e procurar-mos agora estimar o que é nosso, o que nos é dado, sabe Deus com que sacrifício.

Das coisas velhas e deterioradas está o mundo cheio.

E inovações?

Fiéis a este lema, adiantemo-nos; demos um passo em frente.

Rogério

TOJAL

Não conseguimos que esta crónica esteja presente, quinzenalmente no «Gaiato», como era nosso desejo!

Muitas vezes a nossa vontade de escrever é pouca. Por isso, toda a responsabilidade é nossa, por não sabermos vencer este obstáculo.

FESTAS: É já no próximo dia 25 de Abril, que se realiza a nossa festa anual, no já conhecido cinema Monumental. Os bilhetes já se encontram à venda nos locais, ditos em outro lugar.

Todo o cuiaddo é pouco com a nossa festa, que os ensaios são poucos, por não haver tempo suficiente, para tal objectivo.

OBRAS: Num relance podemos verificar, que o muito que já se fez, nestes anos, é bem fruto do sacrifício e da generosidade de todos os que colaboram, de dentro ou de fora, na missão da «Obra da Rua».

FUTEBOL: No dia de Carnaval, houve um ligeiro treino, por via de se estrearem as caneleiras novas e que foi muito bem disputado por duas equipas. A vitória pertence aos rapazes de camisola verde, que souberam lutar pelo triunfo e merecê-lo.

UM PEDIDO: Os nossos leitores, concerteza devem chamar-nos aborrecidos e pedinchões, por via de tantos pedidos que temos formulado. Desta vez é uma enceradora; mesmo que seja em segunda-mão, não tem importância. O nosso obrigado.

Joaquim Martins